

Poder parado, hotéis fechados

A convocação extraordinária do Congresso retomou em parte a rotina da cidade. Mas o ritmo só será o mesmo a partir de fevereiro, com a retomada dos trabalhos no Poder Judiciário (haja tribunal nesta cidade!), as atividades normais do Congresso e Câmara Legislativa e a volta às aulas nas escolas públicas e particulares.

“O trânsito está mais tranquilo, mas o engarrafamento na estrada de Sobradinho ainda é o mesmo”, diz a funcionária pública Denise Prado, do ministério do Meio Ambiente. “Esse período de calmaria é quando o governo aproveita para cacetear o povo”, rebate a colega Luciene Fernandes.

Nos hotéis, a média histórica de ocupação em janeiro fica em torno de 20% — foi 20% em 1998 e 22% no ano passado —, segundo a Associação Brasileira da Indústria Hoteleira (Abih). “A queda em janeiro é uma característica da cidade”, admite Maurício do Vale, diretor do Nahoum Plaza Hotel e presidente do Conventions Bureau. Em 1999, a média

de ocupação anual ficou em 53%.

O Conventions busca estimular o turismo de negócios em feiras e outros eventos, e já tem acertados 48 congressos para os próximos três anos, em Brasília. Mas estimula também o turismo cívico e o místico. “A ocupação da rede hoteleira acontece até mesmo pelas pessoas que vêm fazer tratamento médico na cidade”, conta Maurício.

Brasília também é difícil de se “vender”, pois os preços das outras cidades são mais competitivos. Como salienta Maurício, “ainda não conseguimos formar um produto com roteiros definidos, com o que há para se ver e quando se pode ver, por exemplo, pois muitas vezes não há definições de horários nos locais de visitação”.

Lugares que normalmente têm baixa visitação, como o Jardim Botânico de Brasília, perdem público nesse período. “Quem vem ao Botânico está à procura de um lugar tranquilo. São pessoas que valorizam mais o meio ambiente,

o que ainda é uma minoria (embora crescente) na cidade”, reconhece Enivaldo Alves Silva, chefe de gabinete do JBB.

Nos meses normais, a visitação ao Botânico chega a escassas 300 pessoas (no máximo) nos fins de semana. Neste período atípico, há uma queda de aproximadamente 50% na visitação, reconhece o administrador do local. O movimento foi tão baixo que o Botânico fechou os portões nas festas de Natal e Ano-Novo. Em janeiro, o público só aumenta com as visitas de colônias de férias, mas não são muitas que escolhem o local para levar as crianças.

A feira de artesanato da Torre de TV também não se beneficiou com aumento de público. “Ao contrário”, comprova Helena Muniz, tesoureira da associação de feirantes do lugar. Ela admite que “diminuiu tanto o número de visitantes quanto o de turistas. Mas dá pra notar que tem gente de fora fazendo fila para subir na torre”. Menos mal. (NAJ)